

Apresentação

Esse livro inicia com poemas que podem ser lidos como uma espécie de auto-biografia surreal, onde combino descrições e sentimentos, como em *Estações*, *Cabloca*, *Vida*, e tudo que para mim é importante, como *Minha Casa*, *Minha Rede*, *Minha Rua*. Alguns poemas de amor se juntam a essa corrente, assim como poemas que falam de Manaus, da floresta, dos rios, das águas. Incluo também alguns poemas sobre impressões que cultivamos no dia a dia. Quis incluir, ainda, poemas de viagens, onde o mar é meu principal personagem. A série termina com poemas sobre a natureza, onde o poema *O Céu* deságua por último, fechando a série.

Foi com esta série de poemas que recebi um prêmio de R\$ 1.500,00 (Hum mil e quinhentos reais) da Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas, em 2005. O livro que seria publicado sob o título de “Confluência” aparece aqui, sob o título “Segunda Demão”, posto que os poemas foram novamente revisados e outros foram acrescentados. Já que poesia é simplesmente um desejo ardente e inconsciente, próprio dos poetas que insistem em registrar em versos os sentimentos humanos, deixo essa antiga série aqui a disposição do leitor internauta.

Rosa Clement

Dedicatória

Dedico esse livro à minha família,
especialmente à minha mãe, Maria José Ferreira da Silva,
que gostava de compor músicas
e de quem herdei o interesse pela poesia.

Índice

APRESENTAÇÃO.....	2
DEDICATÓRIA.....	3
ESTAÇÕES.....	6
CABOCLA.....	7
MEU ANJO.....	8
AS CORES DA ROSA.....	9
SOMBRA.....	10
SETE DE SETEMBRO.....	11
VIDA.....	12
COSTUREIRA.....	13
MINHA RUA.....	14
MINHA CASA.....	15
MINHA REDE.....	16
TUDO BEM.....	17
VONTADES.....	18
NÃO.....	19
INSÔNIA.....	20
TORTURA.....	21
VESTIDO DE FLORES.....	22
MEUS CABELOS.....	23
A LA TOM.....	24
PASSAGEM DE NATAL.....	25
TEARES.....	26
COM LICENÇA.....	27
O VÔO.....	28
MENINA.....	29
VEREDICTO.....	30
O TEMPO.....	31
MÃE ESTRELA.....	32
PROMESSA DE ELEITORA.....	33
VIDA MARCADA.....	34
POR VIVER.....	35
MILAGRE.....	36
VESTIDO SOB ENCOMENDA.....	37
TEUS OLHOS.....	38
AMOR CIGANO.....	39
GRITO.....	40
AMOR SEM MEDIDA.....	41
DIAMANTE.....	42
PALAVRAS.....	43
SELVA DE AMOR.....	44
TERNURA.....	45
HOMEM DO CAMINHO.....	46
PODER DAS ÁGUAS.....	47

AMAR.....	48
SONETO DA MATA.....	49
O QUE QUE O AMAZONAS TEM?.....	50
ÁGUAS DE RIO.....	51
RIO A NOITE.....	52
PAISAGENS DO RIO.....	53
O RETORNO DO RIO.....	54
PIRANHAS.....	55
MERGULHÃO.....	56
JURUTAUI.....	57
COMEU JARAQUI NÃO SAI MAIS DAQUI.....	58
LISA.....	59
SACI PERERÊ.....	60
PESCARIA.....	61
FOGOS DE JUNHO.....	62
CIDADE DO INTERIOR.....	63
SEGUNDA CANÇÃO.....	64
MANAUS DE ANTIGAMENTE.....	65
SABOR DE AMENDOIM.....	66
SINOS DA CATEDRAL.....	67
NA CONSTRUÇÃO.....	68
OS MILITARES.....	69
MANAUS 332 ANOS.....	70
MANAUS, DO ALTO.....	71
O SABOR DO AMAZONAS.....	72
MANAUS, MY LOVE.....	74
ALVORADA.....	75
MERCADO MUNICIPAL.....	76
PARADA DE ÔNIBUS.....	77
O CASO DO PADRE.....	78
KIBOM BOI.....	79
UM RIO EM MEU CAMINHO.....	80
CANTIGA PARA MEU RIO.....	81
GATOS DE RUA.....	82
O GALO.....	83
LIBÉLULA.....	84
SONETO PARA UMA MOSCA.....	85
OUTUBRO.....	86
CHUVA FORTE.....	87
CAMINHOS DESERTOS.....	88
VIAGEM.....	89
EU VI O MAR.....	90
SOMBRAS.....	91
RECEITA DE MAR.....	92
DÉCIMO ANDAR.....	93
ESSE MAR.....	94
ESPANTALHO.....	95

O MERCADO.....	96
O CÉU.	97
BIOGRAFIA.	98

ESTAÇÕES

Dizem que hoje estou radiante,
mas não confesso
que é porque meu universo adota
o hábito das estações.

Às vezes
trago o calor das brisas quentes,
e no céu de horizontes vermelhos,
sou madeira que abrasa.

Somente porque tudo passa,
meus cabelos pretos
escondem nuances cor de prata.

Nas horas de enfado
meu coração abriga tempestades
que afugentam meu sol.

Porém há em mim a força do bambu
que entende bem o vento.

Assim, floresço, me empetaleço,
e, como as tulipas,
encho-me de luzes e de noite.

É minha natureza
nem sempre atender
a todas as previsões.

CABOCLA

Nasci cabloca e tenho cor morena,
pois Deus quis pôr na mata essa costela,
e foi distante de qualquer arena
que minha mãe ficou de sentinela.

Deus disse: “Vou te dar vida serena,
caminhos feitos por minha aquarela,
onde jamais se fere ou se condena,
assim não saberás o que é sequela.”

Quando nasci chorei por gratidão,
mas quando recebi minha bandeira
vi que tudo era apenas ilusão.

Ao ver o mundo com tanta explosão,
eu precisei ser mais que uma guerreira
para vencer também o meu dragão.

MEU ANJO

Por ser criança um dia acreditei
que eu tinha um anjo de asas compridas
andando do meu lado, pois na lei
dos céus anjos guardavam nossas vidas.

Mas talvez o meu anjo fosse mudo
e por isso ele nada me dizia.
Tampouco aparecia quando tudo
o que eu pedia era a sua companhia.

Hoje, com pouca crença e passos lentos,
sinto que existe a angélica visão,
e meus olhos, às vezes desatentos,
vêem asas em quem me dá a mão.

E todas as manhãs quando desperto
sei que meu guardador está por perto.

AS CORES DA ROSA

Habitam em mim as Rosas
que vêm me despetalar
ou com delícias de cores,
fazer arranjos sem par.

Dança a Rosa da Ikebana
na mão máscula do vento,
enquanto a de pedra enfeita
o altar do meu lamento.

Uma Rosa de retalhos
diz entender de paixão,
mas até se descostura
quando fere o coração.

Na Rosa de Paetês
não falta o mar de alegria
que banha a Rosa morena
e espera que ela sorria.

Ela é a Rosa de espinhos
e seu destino é ser triste,
e ela diria a um poeta
do que tristeza consiste...

Mas nesse mundo de Rosas
há um gentil jardineiro
que arranca as ervas daninhas
e cuida do seu canteiro.

SOMBRA

Sob o sol da manhã
uma sombra me segue
com seu longo cabelo solto ao vento.
Eu posso ver seus brincos, unhas longas,
roupa justa, sapatos e bolsa,
até mesmo meu batom de morangos.

Para me seguir,
ela se estica na rua de pedras,
voa através do lago,
sobe nas árvores descuidadamente,
como se tudo no mundo
fosse uma relva.

Chegamos juntas ao meu destino,
mas ela, que me acompanhou
como um anjo disfarçado
sempre mudo,
de repente desaparece
atrás da cerca de papoulas.

SETE DE SETEMBRO

Que tarde independente tão quieta...
feita para sonhar um bravo sonho
ou lembrar com retumbos displicentes
a parada do tempo, a paz, a glória.
As sombras marcham lentas nas cortinas,
mesmo sem esquadrões riscando o céu,
e ao longe a insistência dos tambores
não fere a placidez desta conquista.
Brilha o sol de meus dias escolares
quando setembros sempre tão garbosos
exultavam minha alma de estudante.
Erguendo na bandeira o meu legado,
deixava a emoção em luvas brancas
vencer meu coração de brasileira...

VIDA

De espinhos te falo
porque colhi rosas
e abro tuas portas
porque tenho as chaves.
Se teu vento é bravo
sob meu chão de areias
é firme o meu passo.

Tenho um violão
que clama nas noites
certezas de ti
e o mundo encandeia,
traz luz a meu leste,
meu solo flameja
e o teu se aquece.

Teu canto é eterno
e deita na terra
para eu te escutar.
Entre ondas e lavas
tua sombra escapa
mas deixa em conchas
cantigas de mar.

Contigo aprendi
sonos de dragões.
Sem fadas, duendes,
aprendi a crença
de tua magia
e vivo encantada
com tua presença.

COSTUREIRA

Sou costureira de momentos.
Meço com fita métrica
lembranças recortadas
de um passado,
tecido com antigos vendavais.
Moldo todas à minha moda,
com paciência,
ajustando-as com o esquecimento.
Experimento as opções,
sentindo as alfinetadas.
Crio em meu atelier
um modelo mais preciso
para o manequim de agora.
Rasgo seus trapos da memória,
desnudando-o e vestindo-o,
certa de que minha criação,
lhe cairá perfeita.

MINHA RUA

Na minha rua passa vendedor
com todo tipo de mercadoria.
Algumas tem até o seu valor,
mas outras, nem um santo compraria.

Em tabuleiros sempre desbotados,
desfilam bugigangas nunca usadas,
frutas baratas, peixes já tratados,
chamando os curiosos nas calçadas.

Mas lá quem vende grita persistente
e não quer saber do velho refrão:
"brigado, quero não, atualmente
a grana só dá pra comprar o pão."
E assim, negociando com as horas,
o vendedor que vende, comemora.

MINHA CASA

Minha casa, que já tem certa idade,
sustenta-se com pedras regulares,
e sem a gama grega dos pilares,
crava-se num recanto da cidade.

Erguida com sabor de liberdade,
preserva em cada canto a paz dos lares,
e se vazia proclama pelos ares
que em casa brasileira tem saudade.

Na volta de viagem cansativa,
sinto que sou a deusa na janela
de uma acrópole simples e exclusiva.

E mesmo quando a vida se atropela,
é minha casa que em hora lasciva,
guarda doces segredos dentro dela.

MINHA REDE

É essa rede tão cheia de mim
que sabe balançar a minha vida
e se ela me põe de lado, esquecida,
me sinto em uma torre de marfim.

Ela embala o meu sonho, assim, assim.
Sou dona de uma tarde esvaecida,
onde o vento vem como um querubim
que viaja em um carro de corrida.

Vão para um mar distante os meus problemas
juntar-se aos muros feitos pela bruma
deixando sobre mim a paz suprema.

E durmo pra que o sonho se consuma
enquanto a vida diz que eu nunca tema
os duros desafios que ela me arruma.

TUDO BEM

Perguntas como vou
e eu digo "vou bem",
pois não devo dizer
se há uma dor
doendo em mim,
se fui ao doutor
e o que ele falou.
Tampouco te importa
se minha alma reclama,
se se estica no vento
ou se enrosca na cama
e se eu, de tão tonta,
perdi o caminho
e perdi as contas,
se andei por ai
e pedi conselhos,
ou me olhei no espelho.
Bem querias saber
se comprei carro novo
ou até roupas novas
só pra ficar bonita
ou pra seduzir
algum novo amor.
Mas sempre perguntas
"como vai, tudo bem?"
para me ouvir dizer,
sem meu ar de aflita,
que tudo vai bem.

VONTADES

Chega o novo século
e não envelhecem essas vontades—
bruxas e deusas adormecidas
em cavernas e castelos
que toda mente arquiteta
e esconde na bruma
ou transforma em espumas.

É preciso conter a vontade
de dizer a quem merece
o mais sonoro não,
de gargalhar, esbravejar
ou simplesmente chorar.

Brilha a vontade cor-de-rosa
de querer consertar o mundo,
e decorar com verde e branco
suas curvas e seus planos.

Eu é que envelheço
armazenando magias
com fórmulas para soluções
e ingredientes que encontro
somente dentro de um sonho.

NÃO

Devo aprender a dizer

NÃO!

para quem quer me convencer

com sonhos de loterias,

ou pedir emprestado

uma ponta

do meu salário fantasia.

Quero saber dizer NÃO

a favores desfavoráveis,

e demagogismos amigáveis.

Não. Não. Não.

Criarei e conjugarei

o verbo não,

na pessoa certa,

no presente e futuro momento

em definitivo.

Convocarei a coragem

para soltar o não prisioneiro.

Palavra assim curta e rápida

voará de mim libertando

a vontade verdadeira.

Que se abra a porta

para o meu não sair

livre, revelado, rebelado.

Que ele cresça densamente,

na hora certa

engolindo esse SIM,

que escapa de mim indolente

sempre

numa hora incerta.

INSÔNIA

Há um silêncio medido
que decresce, interrompido
por uma chuva noturna e grossa.
Há pneus passando
logo em frente desta porta.
São chiados transitórios de trânsito
que cortam em partes esta noite.
Há uma memória de beija-flor
visto pela tarde
conectando pensamentos.
Há sementes de girassóis,
para eu plantar, só para te contar.
Há orquídeas esquecidas nos xaxins,
bebendo águas em gotas.
Há uma rua tão calada,
cães que agora não ladram,
televisões desligadas.
Há uma mulher sem sono
em cama macia e quente,
e há um amor ausente...

TORTURA

Entre tantos poderes,
Deus me deu o controle
sobre a tentação
e sem clemência, essa torta de chocolate
testa a minha resistência.
Quero comê-la sem tortura
sem que depois
o remorso atormente.
Consulto inconscientemente
meus quadris,
fronteiras para os excessos,
mas seus desatentos fiscais,
permitem a invasão,
descansados
enquanto saboreio bocados
de sedução.
Permitem que passe pela porta
com livre passaporte
o pecado achocolatado
para então denunciar sua presença
e alardear o quanto irá pesar
a sua sentença.

VESTIDO DE FLORES

Estava na vitrine esse vestido,
moldado por perfeito manequim–
bem justo em flores bege de cetim–
impróprio para o corpo bem nutrido.

Dos meus tantos seria o atrevido.
O usaria com brincos de marfim,
também com um batom de cor carmim
e sei que encantaria o meu marido.

Mas eu não ganho a vida como artista,
nem minhas curvas foram as pensadas
para encaixar nos traços do estilista.

Pagaria por tal vestido à vista,
mas estas gordurinhas sempre amadas
não cabem nessa moda consumista.

MEUS CABELOS

A cor da noite brilha em meus cabelos.
Quero-os sempre assim,
tal qual ébano, carvão, lavas,
petróleo em explosão.
Que esperem os fios de luar.

Quero essa negra rebeldia
a espalmar num rio em um mergulho,
voando ao vento,
selvagem como rabo de alazão.
Quero sempre sua frescura plena,
me distinguindo na multidão
com seu cheiro de alfazema.

Quero meus cabelos pulsando, soltos,
entre revoltos e penteados.
Que o tempo lhes acaricie longamente,
pois será preciso anos para amansá-los
antes que finalmente, vencidos,
se tornem enluarados.

A LA TOM

Para Tom Jobim

O Rio tem o Tom
que sabe de tom.
Basta somente ouvi-lo cantar.
É ele que sabe o tom de encantar...
Ouço nas suas canções
o Tom de um rio a brincar,
ouço o tom da paz, ouço o tom do amor
sob a lua a luar.
Ah compositor, por ser poeta,
eu quis te homenagear,
quis poemar a la Jobim,
beber tua música,
e, do meu escritório,
fazer um botequim,
E quis rir tonta porque esse poema
é para um certo Tom,
que nada sabe de mim.

PASSAGEM DE NATAL

Na casa de minha infância
o Natal era verdadeiramente transformista.
Era com rudeza que meu pai
encarnava o Noel
e em nome do velho barbudo me dava
uma boneca de compleição frágil,
cabelos que não assanhavam
e olhos que nunca fechavam.
Mas o presente que hoje guardo
é a lembrança do amor paterno
depositado sem ser percebido
no enfeitiçante brinquedo
onde renascia minha afeição.
E assim descubro
que naqueles dezembros
o nascimento do Menino
servia também para abrandar
os corações mais duros.

TEARES

Se a aranha tece no teto,
aqui embaixo também teço.
Tricoto no escuro espaço
e fios de pensamentos
em sonhos desembaraço.

Ela espera a calma
que vem depois dos ruídos.
Eu insisto em devaneios
para tecer as lembranças,
combinando os entremeios.

Meu tear vai fabricando
com deslumbre do passado
os tecidos mais brilhantes,
vai cerzindo os esgarçados,
compondo dias distantes.

Mas se a aranha das alturas
concretiza sua teia
usando de habilidade,
minha trama se desfaz
no pó da realidade.

COM LICENÇA

Meu primeiro presente
foi um anjo movido a pensamento.
Veio com um manual
cujas instruções
diziam apenas: viver.
Cresci, casei,
ganhei mais dois anjos,
os quais eu podia ver
mas que cedo voaram para longe
seguindo as próprias orientações.
Na partida, tão distraídos,
deixaram aberta uma torneira
em meu coração de pão.
Recuperei as estribeiras
joguei a água na poeira,
fiz fantasias de carnaval,
mas fiquei reclamando
que não se ganha mais anjos vistos
como os de antigamente...

O VÔO

Para minha filha Vanessa Clement
que ficou nos EUA com 17 anos.

Faz tantos anos
que saíste por esta porta,
que já perdi a conta.
Quando perguntam por ti
é que me assombro
com a habilidade
com que reconto anos e distâncias,
sem cansar de contar
as tuas glórias.
Houve um tempo
em que essa casa me iludia
pois parecia guardar
teus passos e tua voz,
para depois me lembrar
que eu estava só.
Pouco a pouco o silêncio
ao redor de tua fotografia
me convencia a aceitar
que a outra porta
que escolheste para entrar
te faz mais feliz.

MENINA

Para minha filha Lorena Clement,
que foi estudar nos EUA

Menina, sempre menina,
do rosto cheio de sardas--
são beijos do sol, te digo,
gotas de areia, talvez,
que o mar deixou pintadas.

Menina das pernas longas
de uma brancura irlandesa:
são para ti ir pra longe,
tão longe dos meus olhos.
Agora tenho certeza...

Gaivota de asas brancas,
os teus caminhos risonhos
o vento Norte te mostra,
porque esse sol tropical
não realiza teus sonhos...

Vai menina, que eu deixo.
Entendo tua vontade,
e essas gotas em meu rosto,
darei são de mar também,
ou melhor, coisas da idade.

VEREDICTO

O juiz tempo encerra mais um caso,
decide com quem ficam as crianças.
Resignada aceito o veredicto,
martelo a ecoar em meus ouvidos.
Devo deixá-las ir, devo sorrir.
Sou a culpada por ganharem asas,
e não saber o que fazer das minhas,
que aprenderam apenas a abrigar.

Saudade é pena, cresce em despedidas,
e livre vira escrava das notícias.
Saber missão cumprida é inútil,
coisa que mãe jamais quer entender.
Mas não tem tribunal para esse apelo,
já que o mundo leva suas crias.

O TEMPO

Não há trégua para o tempo
que, diante do espelho,
revela-se em mim um vencedor.
Enrosca-se em meus cabelos,
reconfigura meu semblante,
rende-me dia após dia
com sua espada de luz.
Vem sem escudos, piedades,
fincar em mim sua bandeira.

Seleciono minha munição–
cremes de frutas, flores,
batons, pós faciais, ilusões.
Uma defesa de máscaras
que o mestre desmorona.
Como ousa tão gentil senhor
lutar contra uma mulher?

MÃE ESTRELA

Mãe pode ser pra sempre barriguda,
mostrar varizes, ter peitos caídos,
e pode dar risadas, ser sisuda
ao reciclar seus dias mal dormidos.
Pode ter belos olhos, ser delgada,
ser fina, ser artista de cinema,
pode dormir, porque tem empregada,
passar de mão em mão o seu problema.
É que, para ser mãe, foi decidido:
Bonita ou não, seu ventre um dia cresce
para a dor da luz com tempo medido,
que só ela conhece mas esquece.
Porém mãe que é mãe tem essa mania
de ser do filho eterna estrela-guia.

PROMESSA DE ELEITORA

Prometo investir
no meu orgulho de brasileira, cuidar
bem do verde do meu Brasil, abrir
estradas com meus pés descalços
(ou com meu salto alto),
e aos passantes, cumprimentar.

Prometo construir
pontes que ligam poesia e arte,
e sentada na beira da calçada, tirar
um chorinho, olhar
a lua brasileira na madrugada.

Prometo fazer valer
meu riso tropical,
minha fantasia e meu carnaval.

Prometo aumentar
esperanças de que virão as velhos sonhos, contribuir
com jeitinho para a paz.

Prometo distribuir
palavras sérias ou banais, escancarar
portas, janelas, acender
luzes, aplaudir
o boi bumbá, a cabocla que dança,
a rede que balança e a que pesca,
o tipiti e o belo por ai.

Prometo sentir
que o Brasil é aqui,
pois esta é a terra
que nasci para amar.

VIDA MARCADA

na infância, a vida
é brincar, brigar, gostar
de descascar ferida

na juventude a vida
é sorrir, amar, criar
mais profundas feridas

na velhice a vida
é lutar, saber levar
marcas de velhas feridas

POR VIVER

A vida sempre teve disso:

essa lua na minha janela

e esse sol que faz a manutenção

do amorenado com o qual nasci.

Tem esse rio antigo que me provoca com a mesma ternura,

(me chama, me esfria, me molha, me esquenta)

e esse vento ora louco, ora leve como outrora,

que se ausenta

para eu implorar por sua volta.

Sempre houve esses minutos que gasto

apreciando a engenharia

das coisas simples e complexas,

das facilidades da tecnologia.

As construções das obras musicais

enchem com delícias os meus ouvidos

e eu, por gostar da escrita,

prendo os cabelos com um lápis.

Amo essa afinidade com as águas,

mas minha mãe dizia que é preciso ser rocha

para enfrentar a maré de mudanças do mundo.

Sempre foi assim e nada me cansa.

A vida é rotina e é mistério,

e é na passagem dos anos,

em meu vestido branco

que desejo mais do sal que tempera

essa velha cantiga de viver.

MILAGRE

Um milagre pedido pesa sobre as flores.
Se a Virgem o coletasse,
cansada de tanto ouvir
sobre essa fé guardada no bolso do peito,
ecoaria essa oração memorizada.
Se Ela visse que esse corpo já anda
tão esquecido de si mesmo,
que ao seguir dia após dia os seus caminhos,
sabe mais da arte de lutar sozinho...
Ha quanto tempo essa cabeça
leva a tristeza disfarçada
em um cântaro cheio de rezas,
jóias de promessas e esperanças...
Tudo porque o brilho da vida
chama com suas vantagens
e quem vive é egoísta,
quer sentir os mesmos aromas que os felizes sentem,
as mesmas melodias que eles ouvem,
quer as mesmas carícias,
as mesmas notícias de guerras,
e as mesmas alegorias.
Talvez a fila de pedintes de milagres seja finita,
só seja um tanto morosa...

VESTIDO SOB ENCOMENDA

Senhora, aqui lhe trago este tecido
(que um dia me foi dado por alguém,
mas no momento, não recordo quem)
e quero transformá-lo em um vestido.

O seu modelo, já trago escolhido.
Sei que bonito, vai ficar também,
e neste crepe só pode cair bem.
Então, o presente não será esquecido.

Quero com seus decotes realçar
seios e costas, e, discretamente,
talhar minhas curvas no lugar.

Com ele mostrarei minha virtude
para aceitar com ar irreverente,
o que me resta dessa juventude.

TEUS OLHOS

De tanto olhar a mata
em teus olhos azuis brotou o verde-
verões de verde, folhagens tropicais,
cristalinidade de amor
refletindo em teu país.

Eu via a cor de teus olhos mudando,
texturas naturais:
cenhas vívidas, ramagens despontando,
verde oliva encantando,
e eu seguindo sempre amando
teus olhos-camaleão...
Nem teus cabelos embranqueciam tanto
quanto teus olhos enverdeciam.

Mas era para ti que a mata
transbordava magia,
fluiu encantos em seu perfume.
Ela, bruxa com voz de mundo,
te levava, te embevecia.
Quando voltavas, vinhas cheio de raízes,
trazendo hábitos de terra.

Armei jangada,
mas perdi seu local exato.
Invoquei o mar, os seus azuis,
e olhei dentro de teus olhos
que sabiam de esmeraldas.
Então compreendi
que a função mágica dos oceanos
já não azularia teu coração.

AMOR CIGANO

Tens esse jeito de cigano
e teu destino é voar sobre rios e mares.
Vais longe, longe, o mais que podes:
Alemanha, Peru, Bahia, Tefé...
Vais pra tão longe
sempre com ares de pássaro nômade.

Vais ver auroras que eu nunca verei,
pores-de-sol estranhos aos meus olhos;
vais provar frutas,
que só em palavras degustarei;
e vais sentir de perto as terras
que meus pés talvez nunca sentirão.

Quando retornas,
pousas em teu ninho e descansas.
E por dias ficas cantando
com um sotaque estrangeiro,
coisas de amor sem fronteiras.

GRITO

Silêncio de ti enche essa casa
e ainda ouço sons da tua ausência:
por ti, reclama a lâmpada queimada,
o pneu do carro murcha,
a torneira entorta a água
e a cozinha chora, alagada.
Calam-se os serrotes, os martelos,
que soam ao toque de tuas mãos.
Bob Dylan não toca um tamborim
nem Enya pinta o céu de um CD,
mas ecoam longamente em meus murmúrios.
E é tanta a monotonia
e tão crescente,
que junto a minha voz
num protesto aflito,
e deixo nestes versos o meu grito.

AMOR SEM MEDIDA

Sei que te amo mas não sei
onde caberia essa medida.
Talvez em milhas de amor
ou em metros de paixão.

Só sei que é um amor
cujo conteúdo é imenso,
sendo desnecessário
escrever na embalagem:
“Cuidado frágil” ou
“este lado para cima.”

Pode virá-lo, sacudi-lo,
de um lado, de outro,
deixá-lo no sol, na chuva,
que ele não encolhe,
não perde o brilho,
não quebra, não acaba.

É que esse coração,
já preparado,
aprendeu segredos
de um mágico zip-lock
somente para guardá-lo.

DIAMANTE

Quero a força que corta
a vidraça das tristezas.

Quem sabe, guardo-a
no meu interior,
multiplicada,
e posso até deixar parte
para penhor.

Que ela seja livre de falhas,
afiada, para dilacerar a dor.

Que seja perene, lembrança,
e de efêmero
em efêmero,
para sempre seja
herança.

PALAVRAS

Palavras com segredos de fogueira
soam em meus ouvidos, eloqüentes,
e assim ditas por ti se tornam quentes
e vão me aquecendo por inteira.

Tão doces seguem numa brincadeira
e rio com o riso dos mais crentes,
sem precisar da força dos videntes,
para sentir seu tom de verdadeiras.

Sob os caprichos de tua voz mansa,
tudo em mim se combina em uma dança
ao som de uma valsa de bordel.

Mas porque creio tanto no que dizes,
tuas palavras são também matizes
para o amor pintar seu carrossel.

SELVA DE AMOR

Quero que venhas simplesmente
com teu instinto de homem,
mas deixes meus pensamentos loucos
governar este dia.
Vem somente com teu desejo e paixão,
para nesta hora de lascívia
te entregar aos meus caprichos de amor.

Vem com a velocidade do tigre
que alcança sua presa,
mas com a maciez de um coelho,
deita comigo
para ser envolvido,
como a rosa envolve a abelha.

Enquanto as luzes do dia se vão,
vem ser a luz que atordo a mariposa,
mas vem me amar devagarinho,
com a pressa de uma preguiça.
Vem sentir o prazer do urso que lambe o mel,
deitado no céu.

TERNURA

Há tanta ternura
na brisa breve
a pentear de leve
o velho mar.

Com mais ternura
minhas mãos vaidosas
afagam, amorosas,
teus brancos cabelos.

HOMEM DO CAMINHO

Meus olhos cantam para o homem que passa,
seu porte macho, peito de concreto,
o qual percorro com olhar discreto
por ser a fêmea dessa sua raça.

Deve ter gosto de boa cachaça,
porém de amor indica estar repleto,
ou já tem uma dona que por certo
também muito lhe quer e não disfarça.

Ai homem do caminho, que felino,
só deixa mais bonita essa paisagem
e leva mais um sonho feminino...

Vai homem, vai seguir o teu destino--
És barco que não volta de viagem,
e esse meu canto, um porto repentino...

PODER DAS ÁGUAS

Tens essa força das águas
de transparência só tua.
És meu remanso e maré,
mesmo nas noites sem lua.

Tens o poder das nascentes,
surpresas de oceanos,
matizes de igarapés,
onde mergulham meus anos.

Se minhas tristezas formam
novas pedras de temores,
vem tua força das águas
estilhaçá-las em flores.

És chuva doce que traz
gotas de melancolia
ou vem molhar meu vestido
em noite de ventania.

Tenho essa sede de ti,
e mesmo se tuas águas
têm o limo da saudade,
lavam também minhas mágoas...

AMAR

De todo esse amor que recebo da vida,
reservo parte só pra poesia,
deixo pro coração maior medida,
aplico a sobra com a fantasia.

Garanto amor que dá pras maravilhas
do meu próprio mundo, entre elas, meu
verdadeiro amor, minhas duas filhas,
e minha casa que o suor me deu.

Deixo também um pouco pra amizades,
tão importantes nos duros momentos,
e ainda invisto nas comodidades
onde o lazer inventa mandamentos.

Assim emprego bem qualquer excesso,
já que toda fração tem seu lugar,
e sigo amando mais e recomeço,
pois tanto amor é fácil controlar.

SONETO DA MATA

A poesia é barco de banzeiro,
é canto vindo das bocas de rio,
é planta nesse verde do Brasil,
é clima de solzão ou aguaceiro.
É a mão na farinha de paneiro,
peixe que frita ao som de um assovio,
é caldeirada que afugenta o frio,
é também cura com um chá caseiro.

Ela é branca, é raiz de mandioca,
é morena da cor do remador,
cuja vida com paz ela retoca.

Ela é, portanto, quem veste essa mata,
quem leva do caboclo a sua dor
e mostra a sua vida tão pacata.

O QUE QUE O AMAZONAS TEM?

Tem banho de cuia, tem
caboclo que pesca bem,
calor que às vezes convém
tirar a roupa também.

Aqui tem pirarucu,
tem jaraqui e tem pacu,
mas lá não se banhe nu,
pois tem o tal candiru.

Tem vinho, mas de açáí--
(bebida assim, só aqui);
e ao sabor do tucupi
tem jambu e tem murupi...

Tem nosso arroz com feijão
que dá um show de baião;
tem farinha pra pirão,
tão famosa como o pão.

Tem dança de boi bumbá,
com dois pra lá, dois pra cá,
que esquenta com tacacá,
e esfria com guaraná.

Tem rede que no quintal,
balança em especial
a cabocla sensual
da mata tão tropical.

ÁGUAS DE RIO

Minha canoa espera em águas onde
Deus preferiu pôr tons de caramelo
e agasalhar a praia que se esconde
em um lugar que não tem paralelo.
Esse rio com quem já tenho um elo
tem o tom das correntes cristalinas.
O sol derrama estrelas pequeninas
pelas folhas que cercam toda a mata
e por magia das forças divinas,
caem sobre mim, águas cor de prata.

RIO A NOITE

A noite retorna com a lua,
cobre o rio que dorme,
e canções de pássaros
caem silenciosas sobre os arbustos.
Lá, onde árvores escondem os caminhos,
eu sei que tua sombra vai surgir.

Nesta escuridão,
enchente ou seca não são vistas,
nem a espuma branca, nem os anéis de água,
mas na janela, eu espero,
certa de que logo chegarás
com o perfume da floresta.

Ao longe, as luzes de um barco
deslizam nas águas
e clareiam os caminhos.
Do rio, tu vens
enchendo de brilho
os meus olhos.

PAISAGENS DO RIO

O rio se transforma e também a paisagem
seja tempo de enchente ou ainda estiagem
mostrando um monte de tudo, um monte de nada,
pra quem tem cara limpa ou bastante suada.
Por ele a vida vem sempre a todo vapor,
tenha cheiro de peixe, de pimenta, de flor,
ou de tudo que morre sobre a terra dura,
dependendo se o tempo é de fome ou fartura.
Com ele corre a fé mas na seca ou na cheia
ela não perde o rumo e deságua na veia.
Assim que se num dia só haja mingau,
noutro pode ter o peixe no jirau.
Seja lá como for, ninguém perde a estribeira,
e qualquer dor se cura com um chá de cidreira.
Mas pescar pro caboclo so lhe enche de gosto.
Se ele ficar em casa cria rugas no rosto.
Bem que o rio podia encantar mais a vista,
pra na casa sem caso deixar a paz prevista,
deportar o calor que vem contra o pedido,
deixando o vento como desejo atendido.
Mas um rio perfeito é apenas um sonho
por isso ele deixa o nosso olhar tristonho.

O RETORNO DO RIO

Com as chuvas,
as águas do rio retornam,
emendam ligeiras as rachas do solo,
crescem densamente.

Canoas desatam-se dos troncos mortos,
e no emaranhado de cipós
a garça cinzenta limpa as penas
para o primeira fígada.

Meninas lavam seus corpos,
meninos olham, tropeçam.
Roupas balançam, colorindo
esqueletos de árvores.

Pegadas amontoam-se
entre casas e o rio que chega,
caminhos abrem-se na grama seca,
e o rio cresce imponente,
prometendo vida,
prometendo o verde.

PIRANHAS

Há um pato selvagem
que sobrevoa o rio.
Depois de um tiro no ar,
há no ar um vôo torto.

Há um cheiro de carne
em rios finos de sangue,
uma festa de bolhas brotando,
e uma guerra começando...

Há um batalhão de peixes
armado de dentes cortantes,
e sangue que desabrocha
como papoula machucada.

MERGULHÃO

O sol aborda o barco,
borda a sombra mais nova
de um mergulhão--
flecha negra estilhaçando o rio.

O tempo embarca nas horas,
soa ao longe a barcarola,
e o barco arrebenta
o espelho da avenida.

O sol queima a beira da noite.
Um mergulhão deixa o rio,
como um tiro de canhão
que acerta a floresta
e de tudo o que resta é apenas
essa silenciosa escuridão.

JURUTAUI

Sei de um pássaro abstrato
que vivia no tempo
quando tudo começava
com era uma vez.
Falavam dele e da lua,
a sua amada,
por quem ele derramava
melodias encantadas
enchendo a selva de amor.
Por sua deusa, ele abria as asas,
voava além do que Deus marcou.
Dizem que caiu e na queda
sua voz quebrou e ele
passou a cantar cantos de dor...
Como qualquer apaixonado,
não notava que sua musa,
sempre serena, lhe seguia
iluminada e plena,
e pintava com luar,
as suas penas.

COMEU JARAQUI NÃO SAI MAIS DAQUI...

Se quem visita esta terra
quer dizer que veio aqui,
vai falar de rio e mata,
mas também de jaraqui.

É peixe de cada dia,
da mais simples natureza,
e não requer cerimônias
para ser levado à mesa.

Encontrado em enfiadas,
comprado em qualquer distrito,
é bom se feito com caldo,
melhor ainda bem frito.

De carne branca e macia,
cabe perfeito no prato--
mas caso sobre a cabeça,
basta jogá-la pro gato.

Peixe caboclo como esse,
não se deixa pra depois;
vai com molho de pimenta,
farofa e baião-de-dois.

Se por acaso uma espinha
ficar presa na garganta,
não se avexe que o remédio
é certo e não espanta.

O velho dito é que diz
que o sintoma não demora:
provou nosso jaraqui,
daqui não vai mais embora...

LISA

Lá vai Lisa
fugindo no alvorecer.
Se o rio está furioso ou calmo,
não importa,
ela vai, desliza nas águas,
as bordas levantadas,
silenciosa,
em busca de quem sabe o quê.

Conheceu bocas de rios,
passou sobre raízes,
muitos peixes e frutos abrigou.
Seguiu rotas difíceis,
sabendo bem obedecer
tudo que seu pescador ditou.
Cansou, quem sabe...

Ela vai, decidida, não volta,
na árvore já não quer se encostar;
quer ir, parece insistir
pro rio lhe levar.
Ah... mas lá vem Lisa, acuada
trazida por pescadores,
de novo, vai ter que trabalhar...

SACI PERERÊ

Com seu gorro vermelho e pele cor de noite,
e uma só perna pra ir a qualquer lugar,
esse mito travesso rodeia a floresta,
com cachimbo na mão, caso queira fumar.

Se Maria estiver preparando pipoca
e ficar distraída por um só momento,
o danado aparece, apaga o fogo e foge
sem sequer demonstrar seu arrependimento.

Tão mau moleque pode assustar qualquer um;
por isso mães gostam de cantar assim:
“dorme nenê, se não Saci vem te pegar,
pra poder te levar pra bem longe de mim”.

Mas assim é Saci, menino da floresta,
que em geral prega peças por onde ele anda,
ou conforme o lugar pode mudar de jeito,
pra ir de boca em boca como uma ciranda.

PESCARIA

O pescador vai embora,
mas o sol dita a hora de voltar.
O peixe vem no rumo da canoa.
Vem ver
o canoeiro na proa,
sentado, de pé, no banco a mirar.
Vê na sua mão,
o que pescadores chamam de arpão.
Na descoberta, fica parado
para a operação.

A pesca inicia,
o sol se apruma,
nenhum galho move.
É o relógio da mata,
que, preciso é quem marca
a sincronia
para o gesto fatal,
e o ganho de um dia.

FOGOS DE JUNHO

Hoje, Santo Antonio disse
que te fez o meu amor.
Vem cá na minha fogueira,
quero te encher de calor,
já que creio e muito em santo
por ser mulher de fervor.

Os fogos de junho sobem,
meu fogo não fica atrás-
cresce em teu *arrasta-pé*,
e quanto bem que te faz,
esquenta teu *beiju* doce
com jeito de quero mais.

Vem cá, meu bem, vem depressa,
vem ser o meu namorado.
Aqui na minha quadrilha
só chove beijo molhado.
Vem cá na roça comigo,
te quero aqui do meu lado.

Vem ouvir essa sanfona
e me fazer tua dama,
deixa eu provar do teu milho,
nesse luar que derrama.
Foi Santo Antonio quem disse:
para amar tem que ter chama.

CIDADE DO INTERIOR

Minha memória é falha,
mas lembranças que desfilio
remontam as velhas casas
que ficavam frente ao rio.

Trazem também as árvores
com frutos de safra eterna
que pintavam meus vestidos
com os tons da arte moderna.

Sou do bando de caboclas
que, com corpos bronzeados,
tomavam banho de rio,
atijando os namorados...

E como cheira a comida,
que chamava pescadores,
animava cães e gatos,
e papagaios cantores.

De repente tudo muda
no último vôo da garça
pois tudo se esquece e um dia
até a saudade passa.

SEGUNDA CANÇÃO

Trago uma canção no peito.
É canto que vem da mata,
que de mim se solta à toa
quando esse rio me leva
no banco de uma canoa.

Vem no batuque das roupas
lavadas pelas caboclas
e bate sem lembrar valsas
mas me abraça buliçosa
com os balanços das balsas.

Vem no vergar da folhagem
de onde ventos caciques,
com veias de curandeiros,
vertem em meus ouvidos
vários sons farfalheiros.

Vem no tangido das águas
que tecem suas cantigas
com um tom algo indolente
de quem vem molhar as asas
ou mergulhar de repente.

Vem ainda no silêncio
que soa em nota atada
ao som de paz, solidão,
e que meu peito transforma
em silvo de um arpão.

MANAUS DE ANTIGAMENTE

Ficava perto de casa
a praça, a igreja, o mercado,
e a vida era tão tranqüila
que o futuro era parado.

Era comum comprar pão
em sacolas onde flores
bordadas em ponto cruz
tragavam novos olores.

Cedinho o leite de vaca,
com seu sabor verdadeiro,
era deixado na porta
por invisível leiteiro.

Nossos amigos chegavam
como donos das calçadas,
de conversas hoje antigas
pela poeira enterradas.

Rapazes apaixonados
por moças que fossem belas
ensaiavam serenatas,
trazendo os pais à janela.

Manaus, porém, se cobriu
de cipós de rodovias,
e não há espada mágica
que abra o passado dos dias.

SABOR DE AMENDOIM

Nuvem baixa é fartura
se é nuvem de tanajuras.
Põe moleques nas calçadas
para a aérea caçada...
Presas as presas,
tira-se com jeito certo,
o traseiro carnudo, redondo.
Põe-se tudo
numa frigideira,
com óleo quente, sal;
dá-se uma mexida,
pra trás, pra frente...
E enquanto a coisa frita,
assobia-se uma canção
de roque,
atira-se uma isca
para o gato,
ignora-se olhos estupefatos.
Fritinhos, crocantes assim,
ah... e com farinha,
até se compara:
tem sabor de amendoim...

SINOS DA CATEDRAL

Dobram-se ternos,
em nascimentos
e casamentos;
Tocam alegres
nos festivais,
e nos Natais.
Quase murmuram
para quem tece
alguma prece.
Ressoam perto,
nas madrugadas
e nas chegadas,
mas tão distantes,
cheios de ais
por quem se vai...

NA CONSTRUÇÃO

Os homens da construção
aos poucos cercam o vento,
trocam árvores por muros,
tapam a luz com cimento.

Eles bem sabem de barro
e amam Evas daninhas,
misturam caldo de pedras,
e saboreiam quentinhas.

Vão subindo, vão chegando,
nos andaimes, nas alturas,
entregam ricos aos céus,
nas mais finas coberturas.

São homens de duras lidas,
de sonhos feitos de areias,
que gravam pelos tijolos
o poder de suas veias.

As chaves não serão deles
mas sim de desconhecidos.
São deles só a poeira,
os rostos logo esquecidos.

Moram tão longe, e então,
em passos sempre precisos,
vão empilhados nos ônibus,
reconstruindo sorrisos.

OS MILITARES

Vão os homens em calções,
em blocos de cor exército,
suados e varonis-
vão correndo, vão cantando
canções sem significados.

Quanta força, quanta raça
no calor dos peitos nus,
nos músculos atraentes
preparados para a guerra,
porém gastos no amor...

Em vozes, passos iguais,
em compassada carreira,
somem os servis soldados
ali na primeira esquina,
sem ter bandeiras a espera.

Correm esses cavalheiros
concentrados, conquistando
seus papéis nos batalhões,
deixando dos pés murmúrios
de obedientes corcéis.

MANAUS 332 ANOS

Manaus tens ainda brilho e graça
com trezentos e trinta e dois verões,
e invernos feitos para quem abraça
as ofertas de duas estações.

Índia mansa, que com charme e raça,
põe na floresta tantas atenções,
encantando ao turista que aqui passa
com raízes de antigas gerações.

Em seus outonos, por ser mais discreta,
ela junta tons de hoje aos de outras eras
e entenece até quem não é poeta.

E por ter tantos prédios como feras,
requer o verde em forma mais concreta
para exhibir as suas primaveras.

MANAUS, DO ALTO

Quando olho Manaus do alto do avião,
ela assim, toda bordada na terra,
sinto um orgulho silencioso
por reconhecê-la casa.
Comparo e meço suas águas e seu verde,
e na grandeza de traços tão sinuosos,
meus olhos se perdem na beleza
e esquecem a busca
pelo mais extenso.

Rio, por conhecer bem suas ruas
e saber onde estão suas esquinas
o endereço de suas arquiteturas,
suas praias e seus chãos.
Dela, trago ainda a certeza
de que para os de fora
ela é toda mistério.

O SABOR DO AMAZONAS

Quando tem festa na mata,
Pirarucu à Casaca
vem com receita caseira.
O tambaqui vem da brasa
muito bem acompanhado.
Sardinhas chegam cobertas
com folha de bananeira.

A carne assada, se fica,
aparece à Roupa Velha,
e no fogo, o mocotó
vai logo para o feijão,
mas a calma tartaruga
vai devagar, com cuidado
lembrando os tempos da avó.

No grito chega a farinha
que não embola e embala
junto com boa pimenta
o peixe na caldeirada.
Com o calor dessas duas
o manauara se agita
e aí a festa esquenta.

Já cedo o pé-de-moleque
surge no forno de barro,
e enquanto a conversa rola,
o bolo de macaxeira
chega, some e dá a vez
ao bolo podre que espera
com pinta de boa bola. Mas rio de terra verde

é feito mesmo é pra peixe,
e mostrar em sua herança
a vida do morador.

Tem tudo para uma festa
de onde convidados levam
seu sabor como lembrança.

MANAUS, MY LOVE

Nessa Manaus moderna
os santos nomeiam bairros.
Não são santos do pau-oco,
mas São Jorge, São Raimundo,
São José, *plus* São Geraldo,
já não falam só caboclo.

Lá vem inglês de quem foi
nos States e gostou.
Valei-me *Virge Maria*,
na estrada de São Jorge
tem *Drive-in* sem os *drivers*,
ao lado da Peixaria.

No Alvorada, oh *my God*,
tem o *Point do Guaraná*
a vender vigor, tesão--
coisa pra inglês querer
mas ouvir em *cabonglês*
a porção da precisão.

Shopping a gente perdoa,
afinal, é natural.
e lá café é *all right*,
mas *come on, oh Tio Sam*,
se me trazes um MacDonald,
te pago uma *coca lite*.

ALVORADA

Para o poeta amazonense Alcides Werck

Caminhos em labirintos
Alvorada é burburinho.
É rota de feiras livres,
onde gente é passarinho.

Alvorada tudo vende,
ajeita a vida quebrada
de pessoas, bichos, coisas
para não ficar parada.

Nunca dorme essa Alvorada,
mesmo se fecha as janelas
por causa da agitação
em remendadas ruelas.

É noite e é Alvorada
de olhos quentes e senões.
Se não é alva em pureza
é alvo de tentações.

Alvorada bela em nome
eternamente em primícias;
Alvorada mãe de muitos,
mãe das missas, das notícias.

Alvorada que bem guarda
lembranças de luz e lida
pelos seus caminhos tortos,

Alvorada verde, vida.

MERCADO MUNICIPAL

Mercado municipal
de imponente placidez.
Lá dentro quem vende enrola
filé de peixe e faz bola
para pescar o freguês
na corrida semanal.

Lá tem paredes de milho,
também campos de bananas,
tem alegres cozinheiras
que balançam frigideiras
e dizem coisas mundanas
enquanto cuidam do filho.

Entre molhado e quentura
as frutas fisgam quem passa
e ervas expondo frescor
fazem qualquer comprador,
mesmo com a crença escassa,
carregar na cesta a cura.

Nesse mercado há destreza,
há vigília a toda hora
e um sol que guarda a porta
para a vida reta ou torta
de quem enfrenta as auroras
para por o pão na mesa.

PARADA DE ÔNIBUS

Vêm, não vêm os ônibus,
que sabem as rotas das casas.
Aqui tudo é espera,
o riso é escasso,
e os olhares são pálidos de cansaços.
Seus donos
fazem páreos com a auto-solidão,
se ocupam em contemplar coisas
externas e internas.
Motoristas e cobradores, passageiro--
João, Maria, José,
que importa?
São gente que leva e traz
gente que guarda um endereço,
partilha espaço,
entende de equilíbrio.
Multidão crescente e unida,
movida a combustível
do suor contínuo das horas,
essa gente dos ônibus
tão parada.

O CASO DO PADRE

O caso que vou contar
foi notícia de jornal.
Na casa de forró brega
o barulho infernal
bem ao lado da igreja,
fez o padre passar mal.

Mas de alegre o pessoal
não dava nem atenção,
arrastava pé, dançava
por conta da tentação.
Diziam ao Sr. padre:
“melhor forró que sermão”.

O padre não abriu mão.
Foi reclamar no distrito
e o delegado atuou
o pessoal do conflito,
e ouviu ambas as partes,
depois decidiu no grito:

--Já tenho meu veredicto
e trabalho é minha sina,
mas dançar é bom demais.
Ah, seu padre, a vida ensina,
se não gosta de forró,
chame a justiça divina...

KIBOM BOI

O boi vai todo brejeiro
do gramado pro tablado.
É boi caboclo que dança
sem mostrar ar de cansado.

É boi que vermelha a lua
com Garantido gingado,
que vira a noite e só dorme
quando o sol tem acordado.

O mugido de trovão
desse boi é consagrado:
traz nuvens cheias de gente
chovendo pra todo lado.

É boi-terra, é gente-água,
ilha a pulsar povoado--
Se Parintins, Garantido,
não sei qual é o laçado.

Esse boi, com tanto beijo,
já ficou acostumado,
mesmo assim ainda cora
e fica todo encarnado.

UM RIO EM MEU CAMINHO

Para o Rio Mindu

Há um rio em meu caminho,
longo, raso e misterioso,
que ora se enfraquece e ora viceja.
Quanta calma dele inspiro
ao vê-lo assim correndo
na pressa dos meus dias.

Mesmo a oitenta por hora,
torno para ele minha cabeça
para ter certeza de que ainda está ali,
dourado, ora frágil, ora viril.
Um relance me basta.

O sol que me banha
é o mesmo que o emagrece
e sobre seus rastros de águas,
ondas ocre de terra
mostram-se em costelas.
Mas a chuva não o desampara
e lhe traz o alimento.

Fortalecido ele se exhibe
em silêncio,
sereno, mudando a paisagem,
e nesse guerreiro desarmado
que luta por sobrevivência urbana
deságua a minha reverência.

CANTIGA PARA MEU RIO

Eu vou na onda do rio,
deixo o rio me levar.
Mas não quero ver o mar
para não me marear,
nem quero saber do porto
de algum estranho lugar.

Não quero vencer lonjura
para não levar saudade
de quem me olha da janela
de um prédio da cidade.
Quero o rio me levando
devagar e eu divagando.

Peixe grande sai pra lá--
pescar não me excita a mente,
quero vadiar somente
nas águas desse meu rio,
fechar os olhos, sonhar,
rabiscar no céu, navios.

Quero rir do vento norte,
que de tão verde e tão forte,
nas águas do rio, matreiro,
constrói em volta e meia,
a casa para o banzeiro
e me manda para a areia.

GATOS DE RUA

Os gatos ficam pelas ruas
fazendo cama das calçadas,
ou mandam embora a preguiça
em suas patas apressadas.

Seus pêlos são sempre encardidos
e, se não demonstram cuidados,
destacam a beleza do âmbar
em um par de olhos inclinados.

São tigres mansos do cimento,
que até cães sabem assustar.
São donos dos muros e tetos,
que movem pedras do lugar.

São sombras que trazem o medo
nos ruídos que a noite exalta.
São gatos que mãos nunca tocam,
que somem sem nem fazer falta.

O GALO

Um galo bom não se engasga,
traz o canto engalanado,
faz de sua rubra crista
a chama do galinheiro,
e da conversa mais breve
a mais breve das conquistas.
Não galga à toa o poleiro,
e com clara autoridade
solta galinhas e frangas,
e por ser galo galhardo,
seu canto vem no galope
de quintais para memórias.
Mas um galo na cabeça
é galo sem qualquer sina,
como é o da madrugada
com quem trocamos as penas
antes de ser levado à mesa
se como frango ou galeto.

LIBÉLULA

Libélula, esse foi um mau lugar.
Bem que te disse que não é correto
entrar nas casas para decorar
a geladeira sem ser um magneto...

Não se vai pelas lâmpadas à toa--
Não viste minhas novas margaridas?
Elas também atraem a quem voa--
e tinha o fio com roupas floridas.

Quando te vi, estavas ansiosa,
então tentei te por à luz do dia,
deixando-te na folha mais viçosa,
e desejar que assim ajudaria.

Não foste feita para entrar em casas
sem que formigas levem tuas asas...

SONETO PARA UMA MOSCA

Mosca asquerosa, quero minha paz,
desliga ou leva longe teu zunido,
tão infernal batendo em meu ouvido--
nem imaginas do que sou capaz!

Sei que passeio assim muito te apraz
e sei que não atendes meu pedido.
Então, depois de já ter te advertido
farei um gesto que me satisfaz.

Digo-te que não mato nem formigas,
(somente se isto for para o meu bem),
mas moscas são perfeitas inimigas.

Vou acabar com esse teu vaivém,
pois certa que procuras por intrigas,
nessa chinela irás além do além.

OUTUBRO

Para João Cabral de Melo Neto

Outubro traz um ar triste,
esfria as noites, os dias,
e fecha a biografia
do grande mestre e poeta.

Assim entristece rostos
numa paisagem dispersa,
entrega versos em frutos
marcando a era poética.

Até o sol lá na ponte
estica fitas no arroio,
abraça também as águas
em dourado esmaecido.

Para o adeus ao poeta,
a lua cresce e vem baixa
decretar em pura prata,
um outubro inesquecível.

CHUVA FORTE

Agora a chuva me cerca,
lança suas grandes gotas
por entre folhas da velha árvore.
São gotas, são palavras úmidas,
palavras tantas
que a pupa no alto ainda não entende
mas que tento decifrar.

A tarde é casulo desfeito,
aborta os sons das ruas,
desfaz a terra que vai mole e barrenta.
É terra que, com passo próprio,
vai embora nas águas
para nunca mais voltar.

Eu também quero ir.
"Vai", "vai", repetem as gotas...
Preciso decidir.
Para que preservar-me
da carícia das águas?
É melhor romper o medo,
sentir a chuva, senti-la
transformada na boca molhada
de um grande amor...

CAMINHOS DESERTOS

O sol da vila chega e lambe o rio,
pinta de rosa o rosto de quem passa,
cai pelos galhos como de um funil,
e inventa as sombras tantas que entrelaça.

O deus de pedra ganha olhos brilhantes,
o limo seca o verde das correntes,
e nas varandas, sempre aconchegantes,
as folhas brilham em cadeiras quentes.

É a hora de abrir todas as portas,
quarar as roupas brancas nos quintais
enquanto que mulheres ninam hortas
e homens ganham o pão nos cafezais.

Mas a tardinha, no ritmo da vila,
desmonta o sol, embrulha burburinhos,
e no negrume o vento que desfila
traz as vozes das almas dos caminhos.

VIAGEM

Às vezes penso em terras já distantes
porque a saudade que estava de lado
faz-me lembrar daquele mar de antes,
que embala os meus ouvidos, do passado.
Quero voltar rever velhos caminhos
das praias com as filas de coqueiros,
só para olhar, amar o mar marinho,
ao som de eukulelis* feiticeiros.
Abro a janela e só meu pensamento
vai encontrar o que ficou de mim
por onde as ondas sabem mais do vento
e primaveras cabem em um jardim.
Tanta melancolia assim me invade,
porque dou atenção a esta saudade.

* uma espécie de pequena viola típica dos havainos

EU VI O MAR

O velho mar ainda veste azul.
Barcos brancos ainda o habitam,
gaivotas fazem-lhe a corte,
e o sol sob nuvens ainda o inunda.
Ele, narciso, reflete em meus olhos,
substituindo mares
de gente e de cidades.
Agora me somo às suas águas,
e em suas ondas me aqueço,
pois dele, um dia,
nasceu essa saudade em mim.
São tantas as nossas afinidades
que volto tatuada com suas texturas
e em suas areias
deixo meu vínculo
feito com minhas pegadas.

SOMBRAS

Gosto de ver as sombras nas estradas,
seus arabescos feitos nas cortinas;
gosto de suas formas enlaçadas,
sentir no rosto as sombras repentinas.

Sombras imensas, sombras pequeninas,
com seus contornos, no denso espelhadas,
mostrando do concreto as cópias finas,
vindas de luzes, mas acinzentadas.

Porém, receio as sombras enganosas,
que, desgarradas, trazem o temor,
sozinhas pelos cantos, assombrosas.

Quem dera todas fossem prazerosas
e fossem sempre feitas do esplendor
de sol, de lua, e com a paz das rosas...

RECEITA DE MAR

Venho saborear esse mar,
fazê-lo minha comida inventada,
e memorizar a receita.
É que tudo ao redor é ingrediente
para encher fôrma de verso.

A areia branca em meus pés,
trigo no sol, massa nas águas...
E o mar que bate, bate, bate,
bate na pedra, bate aqui dentro.
Juntam-se conchas aos poucos
ao ponto das espumas.

Não precisa de açúcar,
porque a tarde por si é doce,
e a beira-mar
manda colheradas cheias
de brisa verde-azul,
salpica em cima de tudo,
as gotas com sal marinho.

Fermento, maresia,
mar que chia, fervilha;
vento que chama
as árvores distantes.
Elas murmuram, querem vir,
mas nunca aprendi
a interpretar as vozes no vento.
Preciso ir e levar
esse sabor de mar

pronto para viagem...

DÉCIMO ANDAR

À frente o mar se agiganta,
embaixo, pessoas se apequenam.
Meu astral é azul,
e meu olhar está por cima,
(de tetos de casas, carros)
e possui a retidão das avenidas.

O sol passa do ponto,
invoca sua confiança de dragão,
e frita pequenos incautos nas praias-
mas para ver a cor,
preciso de aproximação.

O horizonte é bem ali
e não tem anjos nas nuvens-
hoje não-
tem pombos nas sacadas
desfrutando da ausência
dos vizinhos decrescidos
nas calçadas.

E o mar me despenteia na janela,
as ondas florescem na distância,
querendo-me também pequena, perdida
na imensidão da areia,
indecifrável
para alguém mais do décimo andar.

ESSE MAR

Dessa janela vê-se um manso mar-
um quadro a traduzir arte que enleia,
com barcos no horizonte a desfilarem,
gaivotas cujos pés bordam a areia.
Na sombra do coqueiro os pescadores,
se tecem redes por conta do dia,
misturam mais conversas aos rumores
das ondas que o vento acaricia.
Ao mar eu vou banhar-me de feitiço,
senti-lo derramar-se por meus braços,
levar meu barco, tendo o compromisso
de recompor meu corpo dos cansaços.
Tão triste ficaria esta janela
caso esse mar não fosse parte dela...

ESPANTALHO

É feito de pano,
tem ar de humano,
mas sem coração,
não tem emoção.
Por isso não chora
por quem vai embora.
Com olhos espertos,
de braços abertos
oferece o ombro
sem nenhum assombro.
Não usa remédio,
pra curar o tédio,
e quando envelhece,
também não padece,
nem pede carinho,
e morre sozinho.
Escuta espantalho,
o mundo é tão falho,
tão incoerente,
não queira ser gente.

O MERCADO

As ondas levam cheiro de ervas,
trazem cheiro de peixe.
As ondas levam alegria,
lavam melancolia,
misturam tudo por mais um dia.

Vendedor da madrugada
não tem sono mas carrega
pequenos sonhos
em tabuleiros, paneiros.
O tempo voa, voam os pombos.
Crescem as filas
de formigas, crescem mais
as de gente.

Plantas miraculosas
em feixes se enfileiram
entre grãos e peixes,
criam fantasias, curam dores,
só não animam
as águas quietas da baía.

O CÉU

O céu é esta calma azul,
com nuvens embolando-se no infinito,
um véu aéreo, eternamente aberto
sobre todas as cabeças.

É esse balé de pássaros e pipas,
um arco-íris refletido nas árvores,
uma lua incansável
aos olhos dos viajantes.

O céu é um cofre de preces,
um cantar de chuvas,
um tremor de trovões,
um rumor de aviões
chegando, indo embora...

O céu é essa varanda reservada
para se ver estrelas,
falar de tudo e de nada,
e o céu é meu bem comigo.

Fim

Biografia

Nasci em Manaus, Amazonas, Brasil, em 1954. Cursei o primário no Grupo Escolar Luizinha Nascimento, no bairro da Praça 14, e o colegial no Patronato Santa Terezinha, no centro. Cursei Eletrônica na Escola Técnica Federal do Amazonas. Estudei Ciências da Computação na Universidad Autónoma de Centroamérica, em San José, Costa Rica, e na Kapiolani Community College, em Honolulu, Havaí, USA, sem ter concluído o curso. Graduei em Letras - Tradutor/Intéprete, pela Universidade Paulista - UNIP, Campus Manaus, Amazonas, Brasil, em 2004. Sou casada com Charles Clement, um americano de Connecticut, e tenho duas filhas, Vanessa e Lorena. Trabalho no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - INPA, com informação tecnológica e como tradutora em meu tempo livre. Publiquei vários poemas, inicialmente nos Estados Unidos e depois no Brasil. Recebi o prêmio Valor da Terra (Prefeitura de Manaus) pelo livro: *Terra de Cunhantã e Curumim é Assim*, 2002, Ed. Valer/Prefeitura de Manaus (poesia infantil). Publiquei poemas nos livros: *Ins Piração Erótica*, 2000, Literate, Livros e Artes (antologia de poemas); *Painel Brasileiro de Novos Talentos*, 1998, Câmara Brasileira de Novos Escritores (antologia de poemas); I Antologia ASSEAM, 1997; *Poetrix*, 2002, Ed. João Scortecchi (antologia de poemas); *O Sabor do Amazonas*, 2001, Ed. Valer (culinária), como primeira autora; *Cozinhando com pupunha*, 1997 (culinária), como segunda autora. Nos Estados Unidos publiquei poemas em várias antologias pela Editora Guild Press, assim como poemas em várias revistas e jornais.